

# Arenga Tata Nhee Assojoba Tupinambá<sup>1</sup>

Glicéria Jesus da Silva<sup>2</sup>

DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/tellus.v21i46.816>

**Resumo:** Apresentar elementos da perspectiva de gênero na atuação do manto tupinambá, e as relações entre o desenvolvimento sustentável e autônomo dos Tupinambá da Serra do Padeiro (Terra Indígena Tupinambá de Olivença, sul da Bahia) e a feitura do manto é o principal objetivo deste artigo. O trabalho de confecção do manto, no qual estou envolvida mais intensamente desde 2020, deixa ver que o território precisa existir para que o manto possa viver. Em 2004 demos um passo que foi pisar na terra e fazer a primeira retomada para garantir a demarcação do território tupinambá e sustentabilidade dos familiares indígenas que trabalhavam em regime de semi-escavidão para os fazendeiro. Não é preciso matar, desmatar nem destruir para o manto existir. Podemos amar, cultivar o meio ambiente e nossa cultura, praticar e transmitir nossa tradição, sem separação.

**Palavras-chave:** manto tupinambá; indígena; gênero; meio ambiente; sustentabilidade.

## 1 CONTEXTO / APRESENTAÇÃO

*Sou eu sou eu  
Sou eu não nego  
Sou eu Tupinambá  
Moro na loca da pedra*

**Sou Glicéria Jesus da Silva (Célia Tupinambá ou Glicéria Tupinambá)** sou conhecida como liderança indígena, professora, intelectual e artista da aldeia Serra do Padeiro, localizada no Território Indígena Tupinambá de Olivença (sul da Bahia, Nordeste do Brasil), na Mata Atlântica.

O meu nome foi escolhido pelo meu avô paterno, era o sonho dele quando a minha mãe tivesse mais uma criança que fosse menina era para dar o nome

---

<sup>1</sup> A fala do fogo e o Dizer do Manto Tupinambá. Manto Tupinambá se Relaciona com o território e tem um todo envolvimento com a discussão das Autonomias.

<sup>2</sup> Instituto Federal da Bahia (IFBA), Porto Seguro, Bahia, Brasil.

de Glicéria, pois tinha sido uma prima dele que foi levada para o aldeamento de Nossa Senhora da Escada em Olivença e estava grávida. Como ela não se acostumou naquele regime, ela fugiu logo que ganhou a criança e, entre o aceiro da roça de milho e a mata, a onça comeu ela e a criança. Meu avô João de Nó ele se sentia responsável pelos os parente ele era o pajé. Mais tempo se passou, ele ficou muito doente, tinha que fazer a grande viagem e, no seu leito de morte, pediu a minha mãe, Maria da Glória, que todo tempo que ela tivesse mais uma menina desse esse nome de Glicería. Ele faleceu na década de 80. Três anos após sua morte minha mãe me teve e me deram o nome de Glicería. Eu nasci por mão de parteira dentro da aldeia, no pé da serra, a morada dos encantados. A minha missão não sabia qual era, mas eu sentia que tinha uma missão.

Nascida por mão de parteira e criada em território Tupinambá, sempre estive profundamente envolvida com a vida de meu povo, no meu cotidiano, minhas estratégias e lutas políticas, em consonância com a minha perspectiva do bem viver. Engajada na luta pela garantia de nossos direitos coletivos, eu me dediquei especialmente à obtenção de direitos territoriais, educação e direitos das mulheres indígenas. Por mais de duas décadas, fui professora da Escola Estadual Indígena Tupinambá Serra do Padeiro (CEITSP).

Atualmente, estou estudando para me formar no Programa de Educação Intercultural Indígena para Professores Indígenas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), um curso de formação de professores, de graduação. Minha pesquisa centra-se nos esforços contemporâneos dos Tupinambá para resgatar sua língua e aspectos de sua cultura material, entrelaçados com sua luta pela terra. Mais especificamente, eu investigo as conexões entre as capas restantes de penas vermelhas de íbis produzidas pelos povos Tupinambá durante os séculos XVI e XVII – todos hoje mantidos em museus europeus –, a língua tupi antiga e a produção de capas contemporâneas. Em 2020, eu foi premiada pelo projeto *Um Outro Céu/Another Sky* (Universidade de Sussex, Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e Universidade Estadual da Bahia), pela criação de um manto a partir de descobertas recentes.

Eu tive a oportunidade de compartilhar minhas pesquisas em conferências e outros eventos, frequentemente como palestrante convidada. Para citar apenas alguns exemplos, em 2018, dei uma palestra convidada na Escola para

a Escola de Estudos Avançados em Ciências Sociais (Paris, França); em 2019, eu apresentei uma comunicação na reunião da Associação Latino-Americana de Antropologia (Salvador, Brasil), e em 2021, no LASA 2021 (em evento online). Em 2018, fui bolsista visitante da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde cominstrei o curso “Conhecimentos tradicionais: Política da Terra”. Em 2020, eu fui coautora, com Daniela Alarcon e Vitor Flynn, de uma história em quadrinhos intitulada, *Os Donos da Terra*, que apresenta sete contos em aquarela. Agora eu estou trabalhando em um livro infantil, entrelaçando minhas próprias memórias de infância, os ensinamentos que recebi dos anciãos Tupinambá e da cosmologia e a história Tupinambá mais ampla.

Entre outros curtas-metragens, em 2015, com a liderança indígena Cristiane Pankararu, eu codirigi um documentário intitulado *Voz das Mulheres Indígenas*, retratando protagonistas mulheres indígenas da Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Alagoas (Nordeste do Brasil) por meio de entrevistas sobre suas trajetórias dentro do movimento indígena. O filme já foi exibido em diversos festivais no Brasil e no exterior. Em 2017, conquistou o público com prêmio no Festival de Cinema Indígena Cine Kurumin.

Desde a fundação da Associação Indígena Tupinambá da Serra do Padeiro (AITSP), em 2004, eu tenho sido uma colaboradora próxima da organização, às vezes servindo como sua presidente ou tesoureira. Na qualidade de parte da equipe diretora, eu fui responsável por projetar e gerenciar vários projetos que visam fortalecer a aldeia e melhorar as condições de vida de meu povo. Projetos apresentados pelos Tupinambá da Serra do Padeiro tiveram financiamento do Estado, Agência de Desenvolvimento da Bahia (CAR), do Ministério do Meio Ambiente do Brasil, a Lifeline Embattled CSO Assistance Fund e outras entidades.

Nas últimas duas décadas, eu atuei como representante Tupinambá em múltiplas esferas, como a Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo (APOINME) e a Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e Empoderamento das Mulheres (ONU Mulheres). Eu também fui um membro nomeado da Comissão Nacional de Políticas para os Povos Indígenas (CNPI), órgão consultivo estabelecido pelo Governo brasileiro em 2006. Em 2019, eu fiz um discurso na 40ª Sessão do Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas, em Genebra, Suíça. Em nome da Articulação dos

Povos Indígenas do Brasil (APIB), organização nacional que reúne indígenas, representantes e organizações regionais e locais, denunciei as violações de direitos no âmbito do governo Bolsonaro. Também em 2019 representei a APIB em audiências públicas durante o 172º Período de Sessões da Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), em Kingston, Jamaica.

Por causa do meu compromisso implacável com o avanço dos direitos indígenas e, mais especificamente, o reconhecimento dos direitos fundiários dos Tupinambá, eu tenho sido repetidamente ameaçada e criminalizada. Em 2010, voltando de um compromisso oficial na capital do país, Brasília, durante o qual eu denunciei os frequentes episódios de brutalidade policial contra meu povo pelo governo do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, eu fui presa com meu filho de 2 meses. O encarceramento, que durou mais de dois meses, foi duramente criticado pelas organizações de Direitos Humanos no Brasil e no exterior. Após sua libertação, eu fui incluída na lista de lideranças indígenas ameaçadas atendidas pelo Programa Federal de Proteção aos Defensores dos Direitos Humanos (PPDDH).

A Terra Indígena (TI) Tupinambá de Olivença é composta por cerca de 23 comunidades com aproximadamente 7.000 indígenas, e se estende por 47 mil hectares, que estão localizados nos municípios de Buerarema, Una e Ilhéus, na Bahia. A aldeia Serra do Padeiro se encontra na extremidade oposta ao litoral que fica na região cacauzeira, serras. É formada pelo bioma de Mata Atlântica e rodeada pelas unidades de proteção ambiental Reserva Biológica de Una/BA e Parque Nacional da Serra das Lontras de Arataca/BA.

O reconhecimento oficial como indígenas da etnia Tupinambá pela Funai se dá em 2001. A primeira fase para a demarcação do nosso território concluiu-se em abril de 2009 com a publicação do resumo do relatório circunstanciado de identificação e delimitação da Terra Indígena Tupinambá de Olivença.

Após a conquista dessa etapa, aumentou a situação de difamação, perseguição, repressão e morte de indígenas na região. Em 2016, em julgamento ocorrido em Brasília, na sede Superior Tribunal de Justiça (STJ), em decisão unânime, com 10 votos a 0 a nosso favor, o respeitado tribunal decidiu e determinou que o estado Brasileiro, através do Sr. Ministro da Justiça, emitiu a Portaria Declaratória do nosso território, assim como deu continuidade a sua demarcação física, com base no entendimento de que não havia mais motivações jurídicas que impedissem tal

ato. Entretanto, até o momento nosso território ainda não foi regularizado. Todo esse atraso permite uma situação de insegurança, deixando que os indígenas sofram constantes ataques.

Já em fevereiro de 2020, na Assembleia Legislativa de Salvador, foram discutidos os motivos da devolução à Funai de 17 processos analisados pelo Ministério da Justiça, referentes a demarcação de áreas indígenas, entre eles, o da T.I Tupinambá de Olivença, onde está inserida a Tupinambá da Serra do Padeiro.

## **2 TUPÃ / ENCANTADOS / ANTEPASSADOS**

Na criação da humanidade, só existia o Velho. Não era o novo, não era jovem, mas sim o Velho. Então, o Velho, com seu cajado, caminhou até as cinco árvores que eram irmãs. Cada uma tinha uma cor: Muçutaíba, da cor vermelha, Braúna de cor preta, Biriba, de cor amarela, Jenipapo, de cor branca, Ipê, de cor lilás. Então elas doaram para o velho um galho, e ele, com seu cajado, esculpiu a primeira humanidade e se deu o sopro da vida. Então aquelas pessoas passaram a dar toda a atenção ao Velho, que não passaria estar só. Todos recebiam o Velho com festa, sempre lhe ofereciam uma rede para pernoitar, choravam e pediam ajuda, e assim o Velho se sentia preenchido e satisfeito com a sua criação.

Mas, um dia, o Velho viu que tinha algo diferente quando ele chegava na aldeia. As pessoas não o procuravam mais e não lhe ofereciam a rede, e não pediam mais conselhos. Então, o Velho vinha sentir algo que nunca tinha sentido, pois aquelas criaturas tinham despertado nele uma ira e um sentimento de vingança. Então o Velho decidiu exterminar aquela humanidade. Como toda regra tem uma exceção, pois tinha um da sua criação que nunca tinha deixado de clamar por ajuda, sempre oferecia uma rede e sempre pedia conselhos era o Pajé Irá (Pajé do Mel). O Velho estava decidido a destruir a humanidade, nada do que ele disse fazia ele voltar atrás. Então o Velho colocou o Pajé do Mel em um lugar a salvo dentro da serra mais alta e começou a destruição daquela humanidade com bola de fogo caindo e tudo sendo devastado.

O Pajé do Mel ficou muito triste e falou para o Velho que o seu desejo era ter sido destruído com os seus irmãos, pois ele estava só. Então o Velho foi mais uma vez nas grandes árvores sagradas e pediu que lhe dessem um galho, cada uma de diferentes cores, e assim deram, e o Velho, com ajuda do seu cajado,

esculpiu a mulher, e disse para o pajé que, daquele dia em diante, a criação da humanidade não sairia das mãos dele, e criaria o elo entre o homem e a mulher, e o pajé era responsável para povoar a terra.

E quanto àquele que foi destruído pela ira do Velho, como o sopro veio do Velho, que é eterno e não pode ser destruído, então existe até hoje sobre a terra, e a eles damos o nome de Encantados: uns são da luz e outros da escuridão. Daí surge Tupã para guiar, ouvir e ajudar a humanidade, e o lugar dos nossos antepassados e os reinos dos Encantados é o lugar onde ficou protegido o Pajé do Mel.

Segundo a cosmologia tupinambá, nós viemos das árvores, e isso é fácil comprovar. Basta olhar para nossas mãos, na ponta dos dedos temos digitais que são as linhas das árvores. Nós não viemos do barro, porque o barro é puro, ele, moldado e queimado, solidifica. Se nós, seres humanos, se viemos do barro, quando queimados teríamos várias esculturas de nossos entes queridos e um quarteirão para guardar para contar a história.

Mas é diferente o que acontece com as árvores na sua decomposição: se queimamos, se torna cinzas, se deixamos sobre a terra, ela vai se decompondo, criando micróbios, vermes morotó, só sobra o cerne, que seria o osso.

Quando entramos na mata e ficamos embaixo do orí (copa das árvores), sentimos bem melhor a nossa respiração – ou quando colhemos folha para beber um chá, que a cura vem das plantas.

### **3 RELAÇÃO MANTO/ TERRITÓRIO / MEIO AMBIENTE**

Para o Assojaba Tupinambá – Manto Tupinambá viver, temos que ter um território saudável, protegido, com floresta de pé, para os pássaros que habitam na mata. Desde o alto das árvores até o chão, temos que ter uma floresta completa, para pássaros rasteiros, terrestres, como o tururi, o lambu, a saracura; pássaros de meia copa, como o paô, a alma-de-gato, o periquito; pássaros de copa alta, como o gavião. Assim, podemos realizar a colheita das penas de uma forma respeitosa, com a permissão da natureza.

Porque hoje a gente está vendo onça, a gente tem cinco espécies de onça, e isso os jovens veem. Hoje duas meninas viram as onças, as panteras, passar de um lado para outro da estrada, de uma mata para outra. Hoje a gente tem

mais de 50, 60 nascentes de rios recuperados, porque a gente deixou a mata crescer. Hoje, se você chegar aqui, vê a preguiça de coleira descer da árvore, descer para o chão, depois atravessar, ir para o outro lado, subir para outro gravatá mais alto ainda. Isso para mim é a melhor luta! É gratificante, porque quando chega agora a chuva das águas e vem o trovão, as trovoadas, as piabas que vão ter que fazer a piracema, pulando, caem até no meio da estrada. É a coisa mais linda! E os meninos vão para lá, para pegar a piaba, comem, vão pegar o camarão, vão pegar o pitu. E tem o que comer no rio. Para mim, isso é o melhor resultado daquela iniciativa, daquele conselho que os mais velhos deram para a gente diante do fogo.

Em 2004, isso é mais marcante, porque eu acreditava na justiça do homem. Então a gente fez um levantamento, fizemos todos os levantamentos de violação ao meio ambiente. Filmamos, fotografamos, colhemos depoimentos e impetramos um processo na justiça para parar o desmatamento. O desmatamento, a caçada ilegal, a jogada de veneno no rio.

Então, foi em 2004, praticamente que a gente pisou na Terra. Que iniciamos as retomadas. Então a gente foi bem cauteloso e tivemos a ideia de fazer levantamento, observando a quantidade de desmatamento que estava grande nossa região. Ela é uma região muito rica, onde a terra é propícia para o cultivo do cacau – é pé de serra, tem muitas nascentes. E o pessoal estava desmatando. Só que, se desmatar aqui, seca todas as nascentes, seca a água. A região é muito frágil. Então, não tem como ninguém sobreviver aqui. Então é meio complicado.

A gente toda vida nasceu, morou, viveu, cresceu no pé da serra. A gente nunca foi de outro lugar. Sempre daqui do pé da serra. E a perseguição a nós é de muito tempo.

Para ele que ele quem estava errado, era nós só que na verdade não. Porque era nós quem ia ficar sem água para beber, eram os animais que estavam escoraçados sem poder ter os seus filhotes, sem poder dormir. Sem poder ter uma paz dentro do território, que estava sendo agredido direto. O pessoal usava para vir fazer caçada esportiva e tudo mais. E a gente não tinha o controle de dentro do território.

E aí a gente entrou na justiça, e a justiça não deu praticamente nada. Isso aí para a gente foi uma afronta. Como é que pode ser uma coisa dessa, né? A

gente denunciando, falando do que estava acontecendo e ninguém deu ouvido para a gente.

Nós fomos e fizemos a nossa primeira retomada. Nós resolvemos pisar os pés na terra. E botamos todo mundo para correr! Pegamos as nossas bordunas, nós pintamos de jenipapo, foi uma coisa muito bonita. Ave Maria, pense! Juntou jovens, mulheres. Então nós temos que ver o tamanho da nossa coragem. Se nós temos coragem ou não. Então nós mesmos estamos testando a nós mesmos, não é? E aí fizemos a nossa primeira retomada. E com isso o fazendeiro entrou na justiça, com um processo de reintegração de posse contra a gente. E aí a gente foi, fomos todo mundo, pintados, trajados, com borduna, com maracá. Fazendo aquele toré bonito, que estremecia tudo, lá no Judiciário. Aí o juiz começou a conversar e falou bem assim: que no juízo dele ele nunca foi favorável a indígena. Então que aquele júri ali não era favorável a indígena, desde já ele queria deixar isso bem claro. E se a gente quisesse fazer qualquer coisa, que a gente fosse recorrer a Brasília. Mas ali naquele júri a gente nunca ia ganhar, a gente nunca ia ter vez.

Naquele momento eu vi que a justiça tinha um outro lado e que não era o nosso. Ela tinha uma formalidade, tinha uma opinião própria. E aí a gente voltou para casa, triste. Porque como é que a gente ia fazer a luta, como a gente ia garantir o território, se o Judiciário era contra a gente? Tudo o que a gente estava fazendo, que a gente estava defendendo, tudo o que a gente acreditava? Que tinha uma Constituição, que a gente tinha um direito que nos defendia. Então como é que seria aquilo?

Os jovens, as crianças e as mulheres, ao redor do fogo do toré, sentaram com os mais velhos para falar como foi a reunião, o que aconteceu. Fazer o relato, a avaliação do dia. E aí os mais velhos falaram para a gente que o juiz tinha o direito de negar, que era o lugar dele. Ele tinha o direito de negar. E nós tínhamos o direito de resistir. Essas duas balanças. Ele tinha o direito de negar, é dado o direito a ele. Mas nós também tínhamos o direito de fazer a resistência. De resistir e dizer para ele que ele quem estava errado, e nós não. Porque éramos nós quem ia ficar sem água para beber, eram os animais que estavam escoraçados sem poder ter os seus filhotes, sem poder dormir. Sem poder ter uma paz dentro do território, que estava sendo agredido direto. O pessoal usava para vir fazer caçada esportiva e tudo mais. E a gente não tinha o controle de dentro do território.

Aí a gente faz esse levante. E Tupinambá da Serra do Padeiro é marrento, né? Não negociamos, não vendemos, não abrimos mão dessa terra, desse território. Porque é um território sagrado, é a morada dos Encantados. E ele tem esse valor pra gente que é imensurável. Não tem como dizer o quanto esse território é importante pra gente, e a gente precisa dele para muitas coisas. Porque a nossa relação entre mundo terreno e o mundo espiritual faz parte desse território. Então, cuidar dele é cuidar desses dois universos.

Eu acredito muito na cultura e eu tinha essa vontade de revitalizar. Eu queria presentear os Encantados com o primeiro manto que eu fiz através de uma imagem, uma foto. E isso durou um tempo, de 2006 até 2018 eu ir, na França, ver o Manto pessoalmente. Cerca de 15 anos.

Eu falei, olha a imagem que eu vi, do Manto quando estava lá na reserva do Quai Branly. Eu vi o mesmo gestual, a mulher fazendo o manto sentada e com o cordão no pé e a tala na mão, fazendo. Todas as imagens vieram fazendo aquele quebra-cabeça, se somando. E aí eu vejo que o Manto realmente falou comigo, não é uma fantasia minha. Porque eu pensei assim, “será que eu estou delirando, será que estou louca?”. Mas não, realmente o Manto falou comigo, e essas imagens vieram se concretizando no real.

Então, quando você vir o meu Manto, você vai ver um Manto de vida. O Manto traz a luta do território, a vida do território. O Manto precisa que o território viva. Se o território vive, o Manto vive. Então a gente teve que fazer essa luta para recuperar as nascentes, recuperar os animais, recuperar as árvores, recuperar tudo isso. Depois de mais de quinze anos, muito mais de quinze anos de luta e de busca pelo Manto que hoje tem o Manto, existe o Manto. Não existe aquele Manto sem vida e sem movimento, mas o Manto está com vida e com movimento. Isso é o mais belo do Manto, que o Manto traz.

O território, até então não foi dada essa regularização do território. Mas a gente garante ele com nossas vidas. A gente faz essa defesa do território com nossas vidas. Correndo risco de vida. A gente vive ameaçado, a gente está em um programa de proteção. Tem planos arquitetados para dizimar e matar as lideranças da comunidade. Então é muito difícil se manter no território, manter o território vivo, e garantir a luta do território. E fazer a luta. Porque a gente está vivo por conta dos Encantados, por conta do milagre. Porque, se fosse por conta

do poder que existe do outro lado, do inimigo, a gente já estaria aniquilado há muito tempo.

O processo do Manto antigo sobre este Manto atual: existe uma semelhança, porque ele é baseado em uma pesquisa. Através desse contato com o Manto da reserva Quai Branly e através de algumas fotografias, eu consegui chegar na reserva Quai Branly através da pesquisadora Nathalie Pavelic. Vi ele pessoalmente, e o manto falou comigo. Então, através dessa relação que o manto estabeleceu, veio a condição de eu poder fazer essa revitalização. Eu percebi que no manto existia uma fibra de algodão e que ela tinha sido trabalhada com cera de abelhas. As penas, a posição nas asas. Observar o capuz do manto. Vários elementos que eu não tinha conhecimento passei a ter, através dessa leitura desse Manto, pessoalmente.

E depois fui convidada para fazer uma apresentação sobre o manto e tive uma aula com o professor Augustin. Uma apresentação de um trabalho na Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) com vários outros alunos, pescadores, que estavam discutindo a questão da trama, a malha dos mantos.

Desses mantos, o que mais me chamou a atenção foi o manto que no momento que está na Basiléia. Ele dá uma condição melhor de ver os pontos, que estão em forma de losango. E dá para ver como é passada a linha. Essa técnica, muito interessante, que a gente tem aqui dentro da comunidade. Tudo isso deu um subsídio maior para eu poder fazer essa revitalização.

Aprendemos novas técnicas fazendo essa leitura do corpo, do fazer do toque, das mãos. Até do fuso, porque é necessário o fuso para o encerramento da linha. Passar para o outro lado. Há pessoas que utilizam agulhas para poder fazer melhor o ponto. Eu utilizo a leitura do corpo, eu uso o corpo para fazer esse resgate, essa revitalização dos pontos.

Então é necessário todo esse conhecimento junto à comunidade. Esse resgate não faz só a pessoa, só a pessoa Célia. Não. Faz-se com toda a comunidade, desde as crianças aos mais velhos. Todos estão envolvidos na criação dessa nova roupagem para o Manto. Que traz uma nova cor. Traz a cor da natureza, a cor da terra. Tudo isso é levado em consideração: a luta que nós, povos indígenas, lutamos pelo território.

O cacique irá usar o manto. Mas o Manto deixa claro, quando fala comigo, que ele foi feito por mãos de mulheres. São mulheres que detêm o saber de tecer

o manto. Também traz consigo o nome das mulheres que usavam o manto, que eram as Majés. Então é um enriquecimento, o processo de revitalização do manto, para uma comunidade, muito importante e significativo

Não só para a gente, humanos, mas também para os não humanos. Porque o manto é um presente do céu para a terra, que é portado por pajés e por Majés. Então descrever toda essa ligação entre o manto que está no museu e o manto que está em movimento é bem significativo. Trazer o manto à vida, a estar em movimento, fazer essa revitalização dos rituais é muito importante para nós, povos indígenas. Fazer essa revitalização de fazer o manto, de tecer o manto.

#### **4 ECONOMIA / AGROECOLOGIA TUPINAMBÁ**

Com a realização de várias iniciativas de dentro da comunidade, chegamos à produção de quintais de criação de aves domésticas. Aqui, destaco o trabalho de uma mãe de família com nove filhos que cria galinhas. Suas filhas a ajudam e é de lá que vem a maioria das penas. Esse projeto de criação de galinha garantiu a subsistência e a renda de muitas famílias no período de quarentena por causa da pandemia de Covid-19, quando não podíamos ir à cidade.

Esse projeto funciona na área retomada, cuja posse veio para a nossa mão em 2012, a antiga UNACAU, que estava escravizando os trabalhadores. Esse império construído com recurso público, dinheiro do Banco Mundial e do Banco da França, desapropriando as áreas das famílias indígenas ou matando e ameaçando afugentados, estava sendo destruído, pois tem uma grande infraestrutura abandonada. Atualmente moram muitas famílias ali, e sonhamos que esse local se torne uma universidade indígena, que atenda aos povos indígenas e comunidades tradicionais.

Os quintais de ervas medicinais são os espaços de cura e têm uma grande variedade, sendo desenvolvidos por mulheres e jovens para garantir que os saberes sejam garantidos através dos jovens que estudam no Colégio Estadual Indígena Tupinambá da Serra do Padeiro. O que chamou atenção no curso de agroecologia pelos estudantes indígenas que em seus projetos de pesquisa os velhos da aldeia observando os viveiros de variedade da espécie de mandioca que chega a ser classificada a nossa segunda economia. Através dos viveiros temos uma grande variedade de espécie de mandioca e que no processo natural ela esta se misturando as espécie surgindo uma nova variedade e que o efeito do clima está afetando

já a nossa região com muito tempo de estiagem e a produção está sendo afetado e isso sendo discutido no mutirão de limpeza das roças de mandioca levantado a necessidade de fazer uso de novas tecnologia uma dela seria de fazer uma análise de solo. Percebemos que os conhecimentos tradicionais com as observações dos mais velhos, aliadas aos estudos técnicos, para achar uma outra alternativa para a linha os conhecimentos técnicos e tradicionais.

A produção de farinha e derivados não é necessariamente uma atividade associada às mulheres exclusivamente, contudo, elas costumam dedicar mais tempo a essa atividade do que os homens na comunidade. Crianças de idades diversas podem também se envolver nas diferentes etapas da produção, mas particularmente na fase do descascamento, acompanhando suas mães e avós.

Cabe ressaltar que a comunidade dispõe de uma grande variedade de mandiocas, tais como: aleixo, branquinha, caravela, cria-menino, João-deitado, milagrosa e riqueza (também chamada rizezinha), esta última produzindo uma farinha de melhor qualidade. E, além dessa grande variedade, costuma-se usar a mandioca de diversas formas. Com efeito, são também produzidos derivados da mandioca: o beiju, a tapioca, a carimã ou massa puba, dentre outros. Ademais, tem-se o cuidado de não desperdiçar mandiocas que não servem para a produção de farinha, bem como folhas ou sobras das diferentes etapas do processo de produção, como cascas e partes das raízes, por exemplo. As mandiocas fora de padrão e as sobras são utilizadas para a alimentação de animais. Quanto às folhas, além de poderem ser utilizadas para o mesmo destino, costumam ser reservadas ao uso medicinal.

## **5 MEMÓRIA / TRANSMISSÃO DE SABERES**

### **5.1 Como a transmissão acontece?**

Através de uma investigação, um olhar para dentro da própria aldeia.

Para que seja garantida a prática da feitura dos mantos sagrados, é imprescindível que as mulheres e as jovens que ali atuam sejam formadas a partir dos princípios básicos de saber quando devem colher as penas, quando as penas estão devidamente maduras para serem colhidas. Todos são sabedores de que as aves trocam de penas a cada seis meses aproximadamente, de modo que existem dois períodos no ano para a colheita. Portanto, essa concepção envolve

os ensinamentos tradicionais, como algo próprio do ser tupinambá, conforme a nossa realidade, pois os pássaros também trocam de penas as velhas pelas novas. As penas novas chamamos as penas de sangue, ou simplesmente verdes. Na arte da pena, ela vai estar cheia de sangue, quando ela vai estar madura, ela vai ficar transparente e pode ser colhida. Os pássaros não sentem dor na hora da colheita ou deixamos eles mesmos retirarem e, quando olhamos no chão ou nas pedras na mata, achamos as penas. Para colher as penas, as aves têm que estar vivas, pois tem facilidades de sair. Se matar, a pena fica presa, só sai com água quente, aí não fica boa porque perde o brilho e a textura modifica.

## **5.2 Qual o papel de seu Lírio, de dona Maria, de dona Dai e outros parentes?**

Rosimiro Ferreira da Silva, chamado por todos como Lírio, é o Pajé da aldeia Serra do Padeiro. Seu dom de ser Pajé foi passado por seu pai, João de Nô logo depois de sua partida para o mundo dos Encantados. Lírio nasceu e se criou nesse pé de serra. Nascido no ano de 1948, casou-se com Dona Maria da Glória de Jesus. Dessa união, teve 10 filhos, os dois são referências dessa aldeia. Além de ser pajé, Lírio é agricultor e saber fazer vários artefatos indígenas

Pensei em fazer esse manto. Mas não tinha informações, não tinha nada. Ao conversar com Lírio: “Lírio, como que faz isso? Como que faz um manto? Ele tem trama, ele tem isso para pendurar as penas. Deve ser a mesma malha que o jereré”. Meu pai respondeu: “Olha, deve fazer com agulha, sei fazer agulha”. O Pai fez a agulha para mim, ajeitou o cordão e explicou. Isso foi em 2006. Em 2019 eu mostrei a ele as fotos do manto da reserva do museu do Quai Branly, então ele analisou e falou que tinha que ter um gabarito para colocar a malha para aplicar as penas na malha do manto. Ele tirou os vira saruê, umas varas finas na manta e eu montei o grande A na parede, depois ele fez as paletas, que é para ter a bitola, a medida dos pontos para os espaçamento da trama, e fez os fusos para poder passar o cordão encerado para o fuso e poder tecer a malha do mantos. Ele sugeriu que eu procurasse a minha madrinha Dai para ensinar os pontos, então segui os conselhos.

Dilza Bransford da Silva, chamada por todos por Dona Dai, nascida em 1933, teve onze filhos. Desses, dois faleceram do rio Una. Dona Dai nasceu na região de Campo São Pedro, distrito de Olivença (Ilhéus, Bahia). Veio para a Serra do Padeiro

aos oito anos de idade, local onde reside até hoje, às margens do rio uma, com seus netos, bisnetos e alguns filhos. Sua mãe era Julia Bransfrond da Silva, e seu pai se chamava Francisco Ferreira da Silva, vulgo Nô. Dai é uma das mulheres indígenas muito importantes da comunidade, detentora de muitos conhecimentos. Então, em março de 2019, fui munida de cordão e computador, fui mostrar a ela as imagens do manto e mostrar a ela o que eu pretendia fazer. Eu queria que ela me ensinasse como fazer o ponto do jererê, que ela estava fazendo com uma tala de samambaia e uma agulha de metal. Ela olhou para as imagens e logo depois fiz o pedido. Então ela olhou para mim e disse se eu tinha sonhado, se tinha vindo nos pensamentos, então volte para casa e faça, porque você já sabe, é só fazer. Então não tinha como argumentar, obedeci: voltei para casa e comecei a refletir, me colocar no mundo dos ancestrais, me colocando no lugar de como era feito, só que o diferencial está na linha contínua e eu não tinha agulha. Fiz o movimento com as mãos, como se fosse a agulha, então deu certo o nó ficou contínuo. Fiz a primeira malha do manto, depois foi o capuz, então eu entrei na rede e me imaginei na aldeia e usei o meu pé para a medida do marco zero do capuz, o círculo, usei o dedão do pé dentro da rede, fiz o ponto da malha do capuz. Então, minha madrinha estava certa: eu sabia, mas só precisava alguém me dizer que estava em mim

Então vieram os sonhos para completar as tarefas, encontra as penas então o ensinamento quais a pena colocar no manto. Então recebi a mensagem de que no capuz teria que ter penas de aves terrestres que não voam, mas elas se camuflam na natureza, e o gavião, que voa e plana no ar, mas ele tem que pousar. Então no dia seguinte contei o sonho para minha mãe, Maria da Glória, então fui para a roça fazer a limpeza do plantio de mandioca, roça e junto com a mata os pássaros cantavam minha mãe falou que era um pássaro que eu tinha sonhado era tururim.

Meu irmão chegou com as penas de gavião que tinha encontrado em cima do lajedo no pé da serra, que o gavião tinha deixado para mim, então utilizei essas penas na confecção do manto.

O cacique Babau fez a arapuca, pegou os pássaros terrestres, colheu as penas e mandou para mim e soltou o pássaro de volta na natureza.

As crianças da aldeia viam eu fazendo o manto, eles catavam no terreiro as penas dos patos e gansos e me entregaram dizendo que era para o manto, que era para o cacique usar para curar o mundo, e diziam que ele seria um Super Herói.

Através dos mais velhos, nas trocas de saberes, nessa busca para fazer o manto a analisar encontrou essa característica a fórmula correta ao chegar com as conversa dos mais velhos de como era feita as linhas como era produzida então além da linha tinha também o fuso para fiar a linha feita da fibra da folha do tucum e também do algodão com a cera da abelha a técnica para que a linha ficasse mais forte e resistente e permeável passava pelo o processo do encerramento com a cera da abelha .

Durante a quarentena, na produção dos chás para o fortalecimento do nosso organismo para combater o covid 19, os jovens se interessaram em furar abelha, para usar o mel para a feitura do chá, e a cera era para o manto. Então um grupo de dez pessoas teve uma formação para capturar as abelhas e fazer a criação de abelhas indígenas sem ferrão. Hoje os jovens fazem a captura das abelhas e catalogam os nomes : tiúba, uruçu, jitaí, arapuá etc., e as características das abelhas e a importância dela na polinização das plantas.

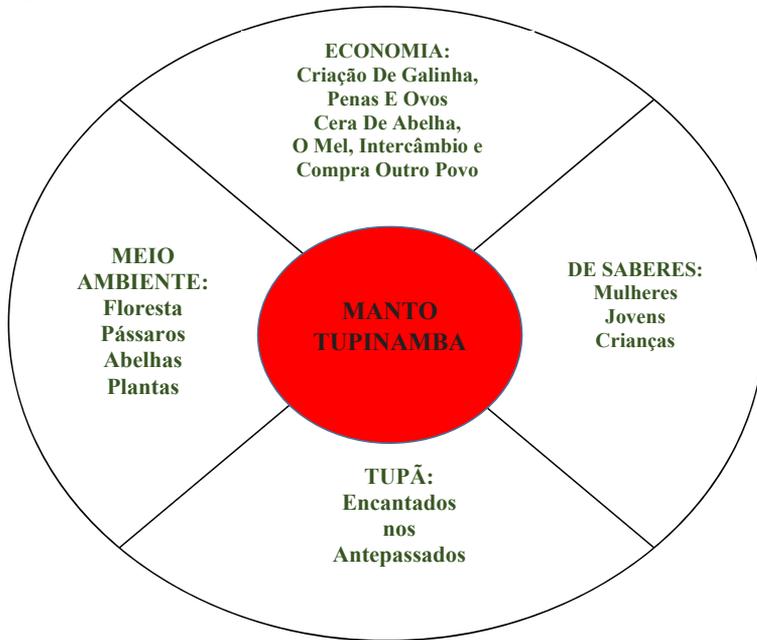
A abelha arapuá faz uma pedra que é usada para a feitura de um xarope para quem tem problemas respiratórios, asma. Essa abelha faz uma casa bem no alto das árvores, tinha um bem na horta, só que, quando os jovens viram o papa mel e subiram e derrubaram a casa da abelha e caiu a pedra junto, o mel o papa mel bebeu tudo, e a pedra quebrou em várias partes. Os meninos seguiram e acharam a pedra, e o mel nada, o bicho foi mais ligeiro. Mas a pedra foi usada com remédio. A cada dia um grande aprendizado.

### **5.3 A pele do manto a pele do pássaro**

A segunda pele do povo Tupinambá e a pele dos pássaros. Ao desenvolver a trama, a malha do Assojaba, deu para perceber que os pássaros têm a mesma malha na pele para cada ponto na pele dos pássaros nascer uma pena, e nessa ordem em camada temos um passa protegido do frio. Na malha tem as marcas dos pontos através de nós, então para cada nó e o lugar que vai prender as penas em camada teremos a reprodução da pele dos pássaros. O portador do manto, ele se torna um pássaro gigante, ele envulta na natureza.

O manto é um presente do céu para terra ser usado e está com a natureza se torna natureza.

Figura 1 – Ritual



Fonte: Elaboração própria.

Figura 2 – Relação Manto / Território / Meio Ambiente



Fonte: Elaboração própria.

**Sobre a autora:**

**Glicéria Jesus da Silva:** Professora, artista e liderança Tupinambá da aldeia Serra do Padeiro, Terra Indígena Tupinambá de Olivença, Bahia. Estudante do Programa de Educação Intercultural Indígena para Professores Indígenas do Instituto Federal da Bahia (IFBA), Porto Seguro, Bahia, Brasil. **E-mail:** gliceliatupinamba@gmail.com, **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0001-8369-3882>

Recebido em 23 de agosto de 2021

Aprovado para publicação em 1º de outubro de 2021

